

DESLOCAMENTOS NA BAIXA IDADE MÉDIA: *EMBAIXADA A TAMERLÃO* (1406) E AS PECULIARIDADES DAS VIAGENS

Sofia Alves Cândido da Silva¹, Jaime Estevão dos Reis²

¹Acadêmica do Curso de História, Universidade Estadual de Maringá – UEM. Pesquisadora do Laboratório de Estudos Medievais – LEM. sofiaalvescandido@hotmail.com

²Orientador, Doutor, Departamento de História, UEM. Coordenador do Laboratório de Estudos Medievais – LEM, docente filiado ao Programa de Pós-Graduação em História – PPH. jaimeestevaoreis@hotmail.com

RESUMO

A literatura de viagem na Idade Média caracteriza-se por ser uma tipologia de fontes, nas quais muitas obras produzidas no medievo podem ser enquadradas, como o *Livro de Viagens de Mandeville*, *As Viagens de Marco Polo* e *Embaixada a Tamerlão*. Sendo esta última classificada como um relato de viagem real, uma vez que, o trajeto descrito no livro foi realizado fisicamente pelo autor e seus companheiros de viagem. Tais escritos descrevem os caminhos percorridos pelos viajantes e com isso, é possível visualizar o itinerário, elemento fundamental que compõe o gênero literário em questão. Bem como, podemos perceber a presença de riscos e perigos, narrados pelos autores medievais. Além disso, podemos observar quais meios eram necessários para que uma viagem fosse realizada na Idade Média. Sendo assim, nesta comunicação pretende-se apresentar uma breve noção das mazelas sofridas pelos viajantes medievais ao percorrerem seus percursos e quais eram os transportes utilizados por estes homens. O estudo destes dois pontos permite realizar uma análise acerca das transformações presentes na Baixa Idade Média, uma vez que, *Embaixada a Tamerlão*, enfoque desta comunicação, foi redigido em 1406. Esta obra narra trajetória da embaixada organizada pelo rei espanhol Enrique III (1379-1406), tal empresa partiu de Cádiz e dirigiram-se à Samarcanda. Dentre os autores utilizados como base para a discussão proposta estão: Elisa Ferreira Priegue (1994), Jônatas Batista Neto (1988), Philippe Wolff (1988) e José Ángel García de Cortázar (1994).

PALAVRAS-CHAVE: Baixa Idade Média; Literatura de Viagem; Perigos; Transportes.

1 INTRODUÇÃO

A Idade Média caracteriza-se por ser um período em que grande quantidade de viagens foram realizadas e, a partir delas, houve a redação de diversas obras caracterizadas como literatura de viagens. As razões para estes deslocamentos são inúmeros, dentre eles estão, por exemplo, os motivos religiosos, diplomáticos, busca de aventuras, guerras, bem como, realizar trocas comerciais. Sendo assim, os homens que viajavam na Idade Média podem ser descritos como peregrinos, guerreiros, cavaleiros, clérigos, nobres, mercadores e até mesmo reis.

A literatura de viagens apresenta-se como um gênero literário fronteiro, entretanto possui diversas características próprias. Dessa forma, de acordo com Miguel Ángel Pérez Priego (1984), são características dos livros de viagens a presença de um itinerário, que é o componente estrutural fundamental articulador da narrativa. Uma ordem cronológica, que legitima a verossimilhança da viagem e uma ordem espacial, que se associa ao itinerário, pois há uma descrição do espaço e são presentes também a *mirabilia*.

Soma-se aos elementos supracitados, as propriedades apresentadas por José Antonio Ochoa Anadón (1990), como por exemplo, a divisão entre a literatura real e imaginada. A primeira consiste em uma viagem que foi realizada por uma pessoa ou um grupo delas, onde algum destes personagens escreve o relato de sua viagem, durante ou após realizá-la. Um dos relatos mais conhecidos é *Livro das Maravilhas*, de Marco Polo.

Já a segunda modalidade, constitui-se a partir de um autor que possui um repertório, o que permite a realização de um relato de viagem. Entretanto, o trajeto descrito não foi realizado fisicamente pelo autor, ou seja, após a leitura de uma ampla bibliografia sobre viagens o escritor consegue compor uma viagem imaginária e redigi-la. Esse é o caso, por exemplo, do livro *Viagens de Jean de Mandeville*.

Com isso, ao apontarmos as características, é possível enquadrar o relato de viagem *Embaixada a Tamerlão* (1406), fonte norteadora do Projeto de Iniciação Científica,

na tipologia das fontes de relatos de viagens reais. Uma vez que, a obra narra a viagem de ida e volta, de uma embaixada castelhana, que partiu de Cadiz, atualmente na Espanha, e realizou um trajeto até Samarcanda, situada hoje no Uzbequistão. A embaixada foi formada pelo soberano de Castela e Leão, Enrique III (1390-1406), e era composta por Ruy González de Clavijo, camareiro real e autor da obra em questão, frade Alonso Páez de Santa María e Gómez de Salazar, este último mestre de armas.

A partir da análise da fonte castelhana, tendo por base autores como Elisa Ferreira Priegue (1994) e Jônatas Batista Neto (1988), foi possível observar certas peculiaridades das viagens realizadas na Baixa Idade Média. Sendo assim, a discussão acerca dos transportes utilizados pelos viajantes medievais, bem como, dos riscos e perigos por eles enfrentados, configura-se por ser um desdobramento do Projeto de Iniciação Científica.

Os objetivos a serem alcançados remetem à compreensão da literatura de viagem como gênero literário, ou seja, de suas características principais. Com isso, buscou-se realizar uma análise da fonte de pesquisa, *Embaixada a Tamerlão* (1406), para que fosse possível observar, de maneira mais ampla, as características das viagens realizadas na Baixa Idade Média. Portanto, partimos do particular (uma viagem empreendida por uma embaixada castelhana, durante os anos de 1403 a 1406) para o geral (transportes e riscos nos deslocamentos propostos nos finais do período medieval). Ao realizarmos este exercício, temos como referencial teórico Carlo Ginzburg (1989), uma vez que, este autor sugere que realcemos os detalhes ao propormos uma análise historiográfica.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A fim de alcançarmos os objetivos supracitados, tendo em vista que *Embaixada a Tamerlão* (1406) é a obra principal desta pesquisa, realizamos uma leitura e fichamento da mesma. Para auxiliar na interpretação da obra castelhana, foram analisados textos que apresentam discussões acerca do contexto, como Philippe Wolff (1989), autor que discute questões a respeito da Baixa Idade Média. Também foram realizadas leituras de artigos com temáticas a respeito das características do gênero literário literatura de viagens, o qual a fonte norteadora do Projeto de Iniciação Científica faz parte. Sendo assim, Miguel Ángel Pérez Priego (1984) e José Antonio Ochoa Anadón (1990) configuram-se como autores-base para a compreensão do gênero literário.

Dessa forma, ao compreendermos o contexto e as características do gênero o qual o livro *Embaixada a Tamerlão* (1406) faz parte, foi possível realizarmos um desdobramento da pesquisa, auxiliado pela leitura e fichamento de artigos dos autores Elisa Ferreira Priegue (1994) e Jônatas Batista Neto (1988). Por fim, elaboramos um texto síntese, que entrelaça os textos bases com a fonte do Projeto de Iniciação Científica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da análise da fonte norteadora do Projeto de Iniciação Científica, foi possível propor discussões que englobam as peculiaridades das viagens na Baixa Idade Média, uma vez que, *Embaixada a Tamerlão* (1406) foi produzida neste período. Ao observarmos a narrativa redigida por Ruy González de Clavijo, o enfoque foi dado aos tipos de transportes utilizados na viagem empreendida pela embaixada, bem como, aos perigos e riscos sofridos pelos viajantes.

Caracterizados como *homo viator* pela historiografia, os homens medievais deslocavam-se devido a diversas causas, como por exemplo, para comercializarem suas produções em feiras, para expandirem seus domínios, para administrarem seus territórios – pois, a administração medieval configura-se como itinerante. Além disso, era comum que homens letrados e estudantes viajassem para adquirirem conhecimento em diferentes cidades. Já a motivação da viagem narrada em *Embaixada a Tamerlão* (1406)

recai sobre as questões diplomáticas, pois, o livro relata a empresa realizada pela embaixada, que foi elaborada por Enrique III (1390-1406).

Ao observarmos as motivações torna-se possível compreender algumas características das viagens medievais. Dessa forma, a penitência e, conseqüentemente, o sofrimento, são peculiaridades essenciais nas viagens empreendidas por peregrinos, que se deslocavam em direção à locais fortemente ligados ao catolicismo. Como afirma Jônatas Batista Neto (1988), perigo era uma palavra comum no vocabulário dos viajantes.

Os perigos poderiam ser representados por questões climáticas, como por exemplo, atravessar determinadas localidades em que o clima era muito extremo, como a neve presente nas proximidades dos Alpes ou os desertos, narrados por Marco Polo em sua viagem para o Oriente. Outros desafios envolvem a travessia de territórios inimigos, como é possível perceber na narrativa de Ruy González de Clavijo, quando a viagem dos embaixadores é interrompida por um naufrágio no Mar Negro. Esta situação fez com que os viajantes fossem carregados pela maré para uma área dominada por turcos, hostis aos castelhanos. Com isso, foi necessário que os homens enviados pelo rei Enrique III (1390-1406) afirmassem aos inimigos que os naufragados eram genoveses e não castelhanos.

Também há nos livros de viagens a problemática das vias, que eram de difícil trânsito, bem como, os ataques de animais selvagens. Outra questão vivenciada pelos viajantes eram as doenças, contraídas facilmente devido à precariedade das condições sanitárias. Assim como, é possível visualizar nos relatos de viagem as questões acerca da alimentação, do dinheiro e dos pertences que eram carregados. Sendo presente também a problemática dos roubos e saques, frequentes nas estradas medievais.

Os mares, além de apresentarem problemas que envolviam as questões marítimas, como as marés, ventos desfavoráveis e tempestades que agitavam as águas, também eram presentes as problemáticas dos saques e roubos, promovidos por piratas. Tal fator aumentava a insegurança das viagens, bem como, elevava o valor do seguro das cargas. A questão das cargas se faz presente, pois, era comum na Idade Média que os viajantes pegassem “carona” com os navios de comércio. Dessa forma, o tempo dispendido para uma viagem ser realizada dependia do período de ancoragem nos portos, necessário para que o capitão comercializasse os produtos em sua posse. Como é possível visualizar na descrição de Ruy González de Clavijo, “[...] foram à Málaga e ancoraram no porto, ficando ali desde o dia em que chegaram, sexta-feira, e continuaram ali, no sábado, domingo, segunda-feira e terça-feira, enquanto o capitão descarregava os jarros de azeite e outras mercadorias” (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, p. 13, 2004).

Era indicado aos viajantes realizarem seus deslocamentos em grupos e que contratassem certo tipo de guias locais, para que fossem evitados terrenos inóspitos. Outro conselho apresentado nos livros de viagens trata das épocas próprias para que uma viagem fosse realizada em determinada região, como podemos visualizar em *Embaixada a Tamerlão*, “O inverno já estava chegando e durante esta estação o Mar Negro é muito perigoso para navegar [...]” (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, p. 52, 2004). Além dos riscos físicos e materiais, conforme Jônatas Batista Neto (1988), os autores medievais acrescentavam nos livros de viagem os perigos imaginários, como a presença de fantasmas em regiões pouco exploradas pelos homens, ou até mesmo monstros.

As vias terrestres foram melhoradas e expandidas no Império Romano, contudo, deterioraram-se devido à queda do Império, ocasionando uma diminuição nos deslocamentos. Entretanto, a partir do século XI, segundo Elisa Ferreira Priegue (1994), com o aumento populacional medieval, houve certa melhora e foram iniciadas novas construções de estradas. Os meios de transporte apresentam-se como um elemento importante nas viagens medievais. Por terra, eram comuns as viagens a pé ou a cavalo, sendo que, os veículos com rodas possuíam uma presença insignificante neste contexto.

Os cavalos, mulas ou jegues eram muito utilizados no transporte terrestre. Podemos perceber essa característica quando no livro *Embaixada a Tamerlão* (1406) é

narrado que “Os turcos forneceriam cavalos para transportar os nossos bens para onde os pagássemos para irem. Ao que os turcos responderam, poderíamos ter cavalos para o dia seguinte, mas não para aquele dia [...]” (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, p. 54, 2004).

Nas vias marítimas os meios de deslocamento eram as embarcações, dos mais variados tipos e modelos, como por exemplo, as Galeras e as Carracas – sendo esta última um dos transportes usados pelos embaixadores de Enrique III (1390-1406) – e, até mesmo os Galíotes, um destes utilizados na tentativa dos viajantes de cruzar o Mar Negro. Além disso, era comum a atribuição à determinados povos o caráter “navegante”, como por exemplo, aos genoveses, como é possível perceber em *Embaixada a Tamerlão* (1406), uma vez que, no relato de viagem, diversas embarcações pertencem aos genoveses, de acordo com o autor madrileno. Sendo assim, ao empreender uma viagem, os viajantes tinham preferências acerca da origem do dono e/ou capitão da embarcação.

Como comentado anteriormente, muitas das viagens, que utilizavam as águas como caminhos, eram realizadas em embarcações comerciais. Portanto, a demora na realização da viagem relaciona-se com o tempo dispendido nas ancoragens nos entrepostos para a comercialização dos produtos que estavam sendo transportados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este desdobramento do Projeto de Iniciação Científica buscou-se compreender os perigos e os transportes utilizados pelos viajantes na Baixa Idade Média, com enfoque na narrativa de Ruy González de Clavijo. Dessa forma, foi possível observar que, a despeito dos inúmeros contratempores enfrentados pelos homens medievais, o medievo foi um período em que houve o empreendimento de diversas viagens.

Por se tratar de uma pesquisa em andamento espera-se que novos temas, baseados na fonte *Embaixada a Tamerlão*, sejam abordados. Como por exemplo, as questões diplomáticas que envolvem a viagem, bem como contextos mais amplos, como a problemática envolvendo a sucessão do governo de Constantinopla.

REFERÊNCIAS

ANADÓN, J. A. O. El valor de los viajeros medievales como fuente histórica. In: **Revista de literatura medieval**. Madrid, n. 2, p. 85-102, 1990.

BATISTA NETO, J. Aspectos das Viagens Medievais: obstáculos e perigos. **Revista de História**. São Paulo, n. 199, p. 179-197, 1988.

GINZBURG, C. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**, Companhia das Letras: São Paulo, p. 143-275, 1989.

GONZÁLEZ DE CLAVIJO, R. **Embassy to Tamerlane: 1403-1406**. The Broadway Travellers: Abingdon, 2006.

PÉREZ PRIEGO, M. Á. Estudio literario de los libros de viajes Medievales. **EPOS: Revista de filología**. Madrid, n.1, p. 217-239, 1984.

PRIEGUE, E. F. Saber viajar: arte y técnica del viajen em la edad media. **IV Semana de Estudios Medievales**. Najera, p. 45-69, 1994.

WOLFF, P. **Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos?** Martins Fontes: São Paulo, 1988.